

EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: TERRITÓRIO DE PRÁTICAS MESSIÂNICAS

Ms. Cláudio Marques Mandarinó
Unisinos

RESUMO

O objetivo deste estudo é fazer uma análise da Educação Física adaptada (EFA). A partir de uma unidade de ensino com este tema, identificaram-se representações presentes nos/as acadêmicos/as do curso de Educação Física em relação a esta disciplina. As categorias presentes neste campo aparecem com representações voltadas ao/à professor/a, ao/à aluno/a com necessidades educacionais especiais e à EFA. Em última instância, identifica-se que a EFA é um território em que o espaço para um messias(especialista) ainda está muito fértil. Isto decorre da própria fragilidade do lugar que é dado à EFA.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es hacer un análisis de la Educación Física Adaptada(EFA). A partir de una unidad de enseñanza con este tema, se identificaron representaciones presentes en los/las estudiantes del curso de Educación Física en relación a esta disciplina. Las categorías presentes en este campo aparecen con representaciones del/de la profesor/a, del/de la alumno/a con necesidades educacionales especiales y de la EFA. En última instancia, se identifica que la EFA es un territorio que el espacio para un Mesías(especialista) todavía es muy fértil. Esto deriva de la propia fragilidad del lugar que se le da a la EFA.

ABSTRACT

This study aims at analyze the Adapted Physical Education (APE). In an educational subject on this topic, the representations shown by the students of a Physical Education course on this subject were identified. Categories present in this field appear with the representations of the teacher's; the student with special educational needs and APE. Finally, it was identified that APE is a territory where there is still a quite fertile ground for a Messiah (specialist). This is the result of the fragility of the place granted to the APE.

INTRODUÇÃO

Será que estamos diante de um paradoxo performativo quando se afirma que Educação Física Adaptada (EFA) não existe? Curiosamente, esta não é uma pergunta do nosso tempo. Se for afirmar que a EFA não existe, já estou inscrevendo-a num lugar de existência. Agora, para ela não existir, os seus artefatos¹ devem desaparecer. Mas como desaparecer algo que existe em função da EFA, que é significado e que dá existência a ela? Entender que ela existe permite pensar sobre a sua possibilidade de não estar aqui e, nesse sentido, dizer que ela pode ser outra coisa, mas não EFA, portanto, ela não existe.

¹ Os artefatos estão carregados de informações subliminares e constituem lugares, identidades, diferenças daqueles que são representados nas mensagens que deixam escapar. Eles se fazem presentes nos filmes, nas propagandas televisivas, nos brinquedos, nas revistas, livros, etc. No caso deste estudo, identifiquei os diferentes espaços ocupados pela EFA como artefatos (Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, GTT Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais, Ed. Física Especial, etc.) que naturalizam um modo de ser, uma identidade daqueles/as que se encontram capturados/as por ela, tais como professores/as e alunos/as.

Entendendo que o debate não deve seguir este caminho, abandono o paradoxo para não travar o pensamento e pergunto: que fronteiras são estabelecidas nesse território? O que faz com que a idéia de EFA² esteja cada vez mais consolidada? As respostas podem estar no pensamento moderno que influencia e cria as suas fronteiras.

Uma característica do pensamento moderno está em delimitar os espaços para estabelecer territórios disciplinares. Mesmo essas linhas, muitas vezes, sendo tênues, é sobre elas que pretendo desenvolver este trabalho. Quando a fronteira que pretendo trazer aqui está situada naquilo que se naturalizou chamar de Educação Física adaptada, entendo ser o termo “adaptado” um componente que carrega um significado com alguns binarismos, como o normal e o anormal, a normalidade e a anormalidade. Mais do que o seu sentido, esse conjunto de palavras torna-se importante para que se garanta a presença do seu positivo, já que o adaptado seria o negativo da norma.

Parte deste debate já foi feito em outro momento, no artigo “Os Saberes Presentes na EFA” (MANDARINO, 2001). Penso que o deslocamento do lugar da EFA deve continuar neste trabalho, mas, em vez de se pautar pelas práticas discursivas e não-discursivas que estão presentes nos seus enunciados, agora se faz importante perceber que a EFA está delimitada por fronteiras. Nessa lógica, não parece estranho a EFA separar o normal do anormal nas suas práticas pedagógicas – separar a partir das classificações que se fazem das pessoas. Nem parece estranho que se façam práticas pedagógicas corretivas e ortopédicas. Práticas em que existe a captura de normal e anormal para dizer que estão dentro de uma norma, e isso é uma característica da modernidade. O que se percebe é que estavam criadas todas as condições de possibilidade para que a idéia de Educação Física adaptada pudesse emergir. E o que é mais interessante perceber se refere à fácil adesão, no campo acadêmico, deste termo, assim como em outros campos de atuação profissional. O trabalho da Educação Física com as “diferenças” passou a ser adaptado.

Enquanto caminho investigativo, para compor a minha análise, vou me valer de uma unidade de ensino (desenvolvida nas quatro primeiras aulas da disciplina) que teve como tema a Educação Física adaptada com alunos/as do curso de Educação Física de duas instituições. Participaram desta metodologia de ensino acadêmicos/as de duas Universidades (Unisinos e Ulbra), no ano de 2006/2, que se encontravam no sexto semestre do curso. Essa unidade de ensino foi dividida em três momentos: no primeiro, a aula expositiva, em que, na dinâmica, foi solicitado que se apresentassem palavras nas quais a EFA estivesse associada, lembrada ou representada. Inicialmente, a sala ficava em silêncio, não havendo manifestação sobre o que havia sido solicitado. Aos poucos, conforme as palavras começavam a aparecer, mais alunos/as se posicionavam. Posteriormente, a questão referia-se à Educação Física. Nesse momento, as palavras apareciam uma após a outra, como se não tivesse um limite do que ser dito. Após as palavras estarem escritas, desenvolvia-se a dinâmica de análise sobre o que havia aparecido. Era o momento de categorizar significantes³. Associado a isso, era traçada uma linha (fronteira) para identificar as áreas de conhecimento que estabeleciam a separação da EFA com a Educação Física.

O segundo momento era composto da leitura de textos sobre a Educação Física adaptada (Os Saberes Presentes na EFA e Atividade Física adaptada: uma visão crítica) e do seminário sobre a EFA, sendo que se debatiam as questões que envolvem essa área de

² Neste trabalho, a análise sobre Educação Física Adaptada seria a mesma que seria feita sobre Atividade Motora Adaptada, Atividade Física Adaptada e Desporto Adaptado, capturados pela norma. Portanto, EFA pode ser transferida para os outros termos que aparecem nos artefatos.

³ Silva (2000, p.100) chama de “significante flutuante” quando não é possível fixar de forma definida e definitiva a relação entre significado e seu significante, isto é, entre um significado e sua representação gráfica ou fonética.

conhecimento. Neste momento, cada grupo apresentava as idéias dos textos lidos e suas compreensões. Os debates eram conduzidos para a questão da inclusão, acessibilidade, direitos, exemplos que traziam de suas experiências de vida em relação às pessoas com “deficiência”, estética corporal, normatização, diferença, etc. Estas e outras questões eram debatidas em sala de aula durante as exposições dos grupos.

Existia uma riqueza de informações circulando; sempre que possível, o professor fazia os resgates necessários. Por exemplo: quando um acadêmico começou a comentar de um aluno (ANEE) problema que estava matriculado no ensino fundamental, indaguei-o sobre por que pensar este aluno somente como problema. Não poderia ele permitir um crescimento profissional dos/as educadores/as daquela escola? Tratava-se de inverter, portanto, a lógica da naturalização da anormalidade que o acadêmico traz consigo, fazendo-o pensar de outra forma a questão que estava em pauta.

Outra questão foi apresentada: se tivéssemos colegas “deficientes”, será que eles/as não teriam respondido de outra forma? Explorei essa questão, dizendo que o número de alunos/as do curso de Educação Física com “deficiência” é muito pequeno. Nesse sentido, é fundamental que aqueles/as que estão neste momento da sua formação saiam de si para que possam pensar na possibilidade do outro. A dinâmica proposta na unidade de ensino podia permitir isso. Por último, havia a entrega do relatório (em grupo) sobre a EFA, em que os escritos apareciam.

O objetivo deste estudo, portanto, é analisar as fronteiras do pensamento moderno que estão presentes nas categorias da EFA. Serão analisados os significantes que surgiram durante a dinâmica das aulas, juntamente com o que foi escrito a respeito do tema. Duas categorias foram consideradas: representação voltada para o/a professor/a e representação voltada ao/à aluno/a.

DEBATENDO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: TERRITÓRIO DO MESSIAS

Para fazer o diálogo com a EFA, minha linha de reflexão pode ser situada na direção do pensamento pós-moderno⁴ e algumas contribuições que os Estudos Culturais⁵ trazem para entender as identidades e diferenças⁶. Pretendo, neste sentido, sustentar a tese de que a Educação Física Adaptada é um território acadêmico e disciplinar que faz emergir uma realidade que satisfaz o pensamento racional moderno. Isso fez com que a EFA traçasse os seus limites (fronteiras) para encontrar um lugar fixo, identitário e normalizador, já que foi capturada pela norma. Na racionalidade moderna, ter uma identidade se torna importante, principalmente porque, ao localizá-la e fixá-la, é possível enquadrar essa identidade numa normalidade ou anormalidade, por exemplo, no nativo ou no estrangeiro, no mesmo ou no outro, na Educação Física ou Educação Física adaptada. É nesse sentido que os Estudos Culturais são importantes para este trabalho, pois:

Os estudos culturais abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de formações, com as

⁴ O pensamento pós-moderno afasta-se das metanarrativas, das verdades, das identidades fixas. Zygmunt Bauman chamará de Modernidade Líquida, e em Stuart Hall é citada a Modernidade tardia.

⁵ Nos Estudos Culturais, a questão parece não ser somente algo que represente a cultura do outro, mas sim a forma como esta representação está sendo naturalizada, como se fosse uma coisa já acabada. Nesse sentido, os Estudos Culturais permitem buscar outras perspectivas de análise quando perguntam que relações de poder estavam circulando para que os estudos sobre a Educação Física Adaptada fossem cada vez mais investigados.

⁶ Silva (2004, p.77) debate no livro *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, explicando que é por meio de atos e falas que instituímos a identidade e a diferença como tais.

suas diferentes conjunturas e momentos no passado (Hall, 2003, p.200-1).

Nessa compreensão, os Estudos Culturais aparecem como um campo que identifica as invenções que se fazem nas diferenças culturais. Sendo assim, as pesquisas relacionadas aos Estudos Culturais trazem para o debate artefatos mostrando aquilo que eles representam para determinado contexto e como aparecem no momento em que são inventados. A representação, neste estudo, portanto, seguirá o contexto dos Estudos Culturais, tal como Silva descreve:

[...] a análise da representação concentra-se em sua expressão material como “significante”: um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. Pesquisam-se aqui, sobretudo, as conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação (2000, p. 97).

No quadro abaixo, aparecem representações que se fazem entre a EFA e a Educação Física. É interessante perceber que o universo da dificuldade, falta, incompletude, superação e outros significantes se refere à EFA, a partir da correção e da ortopedia. Aqui o terreno é fértil para o surgimento de um messias que consiga encontrar respostas para os diferentes não-lugares em que a EFA aparece. Quanto mais a falta está presente, mais se tenta apegar-se àquele que traz a verdade (do pensamento moderno). Esses diferentes não-lugares mostram o quanto os efeitos da norma da EFA se fazem presentes nos/as estudantes. Mesmo que, em algum momento, se entendesse que as palavras que estavam num lado poderiam passar para o outro, elas não foram pensadas para estar nos dois lados do quadro.

Educação Física adaptada	Educação Física
Dificuldades	Movimento
Superação	Exercício
Força de vontade	Saúde
Persistência	Recreação
Todos do outro lado	Ginástica
Igualdade	Esporte
Qualidade de vida	Dança
União	Corpo
Paciência	Estética
Necessidade	Lutas
Outra realidade	Cultura
Adaptações	Lazer
Deficiência	Resistência
Coordenação	Educação
Facilitação	Valores
Desenvolvimento	Desenvolvimento motor
Integração	Competições
Socialização	Rendimento
Participação	Avaliação
Respeito	Equilíbrio
Inclusão	Prazer
Oportunidade	Todos do outro lado
Estética	Socialização
Troca de experiências	Regras
Preconceito	Desenvolvimento Físico

Vivência Companheirismo Organização Objetivos Perseverança	Expressão Desenvolvimento Cognitivo
--	--

Quadro 1

Pensando-se na captura feita pela EFA, nas representações dos/as estudantes, percebe-se o quanto o seu efeito é positivo, no sentido de que produz uma discursividade. Ser capturado, portanto, é estar dentro da norma da EFA e naquilo que os artefatos que lhe significam culturalmente fazem dela uma operação ortopédica, corretiva e, novamente, a espera e a procura de um salvador, um messias. As próprias palavras que aparecem necessitam e buscam uma saída: como superar? Como ter paciência? Como lidar com o preconceito?

Para iniciar a análise das representações, vou destacar aquilo que, no Quadro 1, aparece sobre a Educação Física como distinção da identidade com a EFA. As palavras permitem que se estabeleça um diálogo para áreas que envolvem pedagogia, socialização, educação, desportos, expressão corporal, lutas, enfim, abre-se um leque de leituras para interpretar o fazer pedagógico do/a professor/a. Este devir está representado por um lugar diferente, como o que será visto na próxima seção, quando se volta para a EFA.

REPRESENTAÇÃO VOLTADA PARA O/A PROFESSOR/A

Começarei destacando as palavras e expressões que estiveram direcionadas para a representação do/a professor/a em relação à EFA. São elas: objetivos, respeito, troca de experiências, preconceito, organização, adaptações, paciência, outra realidade, facilitação, socialização e desenvolvimento. Como primeira análise, diria que esses foram os significantes que capturaram a categoria professor/a.

Existe uma facilidade em capturar o/a professora de Educação Física para criar nele/a o perfil do/a profissional que melhor pode trabalhar com as “diferenças”. Esse tipo de compreensão ajuda nos argumentos daqueles/as que estão se deparando, no seu cotidiano, com alunos/as com necessidades educacionais especiais (ANEE). O lugar de salvadores/as, iluministas com um saber, ocupado por esses/as professores/as tende a anular outras experiências que porventura venham a ocorrer. Dizem aqueles/as que não têm a especialização: “Consegui trabalhar com os ANEE, mas será que um profissional especializado não seria o mais indicado?”⁷.

O/a professor/a aparece como um sujeito que ocupa um lugar messiânico e salvacionista dentro de uma disciplina, o que reforça a idéia de Educação Física adaptada. Nela, estão a psicomotricidade, terapia, reabilitação, inclusão, etc. A reflexão de Larrosa que aparece na obra *Pedagogia profana* é interessante de ser trazida:

Penso que o maior perigo para a Pedagogia de hoje está na arrogância dos que sabem, na soberba dos proprietários de certezas, na boa consciência dos moralistas de toda espécie, na tranqüilidade dos que já sabem o que dizer aí o que se deve fazer e na segurança dos especialistas em respostas e soluções. Penso, também, que agora o urgente é recolocar as perguntas, reencontrar as dúvidas e mobilizar as inquietudes (2004, p.8).

⁷ Retirado de conversas informais com um professor de Educação Física.

A sociedade em que vivemos faz com que tenhamos que perceber que existem outras diferenças, que geralmente ficam secundarizadas pelo fato de que existe um olhar de preocupação em relação à aprendizagem, motricidade, etc. No escrito deste aluno:

A maior dificuldade para se dar aula de Educação Física para um deficiente é o fato de que não é o aluno que tem que se adaptar ao professor, mas justamente o contrário, o professor, através de seu conhecimento e estudo, deve tentar ir se adaptando ao jeito do aluno. Se, para um aluno sem deficiência, é só mandar fazer que ele faz, para um aluno com deficiência, não basta mandar fazer, tem que dar um exemplo, ele precisa muitas vezes ver o professor fazendo para tentar fazer igual ou semelhante (Aluno 4).

Nesse caso, valoriza-se a forma como o/a professor/a vai agir, mas falta inscrever seu/sua aluno/a num contexto que lhe confere uma identidade e diferença. Aqui as palavras que destacamos inicialmente nesta seção já começam a ser inseridas, tais como: “adaptação” da forma como organizará a sua aula; a “paciência” que deve ter para, dentro de outra realidade, facilitar o desenvolvimento do/a ANEE.

Salvador ou especialista, e já entrando numa das fronteiras que se configura da EFA, estão aqui alguns conhecimentos que devem aparecer nas muralhas da delimitação entre estar num ou noutro lado da identidade. Ao tratarmos da EFA, encontramos o afastamento de alguns conhecimentos e a aproximação de outros – afastamento da Sociologia, Filosofia, Antropologia, Estudos Culturais e aproximação da Medicina, Psicologia, Psicomotricidade, Fisioterapia e outras áreas afins da saúde. A questão que está posta não é contra a procura de mais conhecimentos para entender a prática pedagógica, mas sim que o lugar que você venha a ocupar impossibilite que outros também se permitam ter experiências desafiadoras quando se trata de ANEE.

O que aparece juntamente com a especialização é a Escola Especial (Educação Especial) como mais uma fronteira que irá dizer sobre as necessidades de alunos/as em relação às suas situações de não-aprendizagem, dificuldades psicomotoras, etc. A união do especialista com a escola especial conduzirá para uma pedagogia corretiva. Corretiva no sentido de que estão aí, juntos, os elementos que organizarão suas práticas para trazer esses/as escolares para a normalidade. Embora isso não seja uma premissa que esteja presente no pensamento de muitos/as educadores/as, é a representação que esse lugar passa para quem não se encontra dentro dele.

Os saberes da saúde (MANDARINO, 2001) são conhecimentos que ajudam a colocar as pedras nos muros que fazem a fronteira entre as identidade e diferenças da EFA e da Educação Física. A Filosofia, Antropologia, Sociologia, Educação, Estudos Culturais, são secundarizados na EFA. Porém, se formos procurá-los em outros campos do saber da Educação Física – e um exemplo são as muitas divisões que existem nos GTTs do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte –, é possível perceber que não estão secundarizados. É nesse ponto que considero importante sair da EFA, deslocando-se para que, do outro lado, seja possível refleti-la, não mais pelo seu contexto corporativista, salvacionista, mas naquilo que representa e lhe dá identidades. Faz-se necessário sair da EFA ao mesmo tempo em que não se sai dela. Sair dela é esquecer-la, abandoná-la, nem sequer citá-la, deixar de narrá-la, mesmo sabendo que ela é lembrada, acompanhada, citada, narrada. Ou seja, o que seria deste texto se a EFA não estivesse no lugar de existência que ocupa atualmente? Talvez uma abstração. Mas se o texto possui força no seu tensionamento com EFA é porque os efeitos que ela possui são efetivos.

Nesse sentido, identifico o livro de David Rodrigues, *Atividade Motora Adaptada: a alegria do corpo*. Existe um destaque para que se desloque o olhar para a

alegria. Parece que é necessário reforçar, na EFA, algo que não lhe dá significado, é necessário destacar a existência da alegria também na EFA. Curiosamente, essa é uma palavra que não esteve presente nas falas dos/as acadêmicos/as. Essa é uma representação importante que aparece nesse artefato que traz enunciados da EFA. Percebe-se que, em muitos artigos do livro, abandonou-se o paradoxo para que o pensamento pudesse ser explorado. Mas, em última instância, está ali a EFA, novamente representada. O mais interessante é a possibilidade de se refletir sobre a EFA saindo da patologização, deixando-a para um outro momento.

REPRESENTAÇÃO VOLTADA AO/À ALUNO/A

Pensar na EFA como uma representação que aparece na unidade de ensino desenvolvida como algo que se volta ao/à aluno/a significa capturá-lo/a na sua diferença e identidade para que, então, se criem as condições de possibilidade para que a pedagogia corretiva faça uma ortopedia. As palavras que destaco em relação a essa categoria são as seguintes:

Dificuldades, superação, força de vontade, qualidade de vida, deficiência, coordenação, igualdade, desenvolvimento, integração, socialização, participação, inclusão, oportunidade, estética, companheirismo e perseverança.

Lendo-se essas palavras, percebe-se que os efeitos da norma são produtores de efeitos que marcam um lugar de falta, reforçando o que se comentou antes sobre a pedagogia corretiva. Novamente, isso exige um profissional voltado para as necessidades do indivíduo. Portanto, isso é mais uma operação para valorizar a Educação Física adaptada e dar argumentos àqueles/as que não têm essa especialização sobre a sua não-formação para trabalhar com os “diferentes”. As diversas especializações que ocorreram no Brasil com esse tema reforçaram, também, os artefatos que contribuíram para a representação sobre a EFA.

Uma palavra que aparece nos dois lados do quadro e que chama a atenção é “estética”. Quando questionei os dois alunos que tinham mencionado essa palavra, percebi que tinham significados diferentes, pois, para a EFA, pensou-se em uma estética corporal incompleta e, para a Educação Física, como um corpo de perfil atlético. Num dos trabalhos entregues, foi comentado que:

Enfim, a maior observação que fiz é que estas pessoas consideradas anormais têm diferenças das normais, pois são muito melhores pelo fato de realizar praticamente as mesmas coisas que nós, sendo que temos ao nosso favor todos os sentidos e competências físicas e não nos achamos capazes de realizar (Aluna 6).

Essa é uma análise do tipo compensação em relação ao que se apresenta. Tanto na palavra estética como nesta das “diferenças” que a Aluna 6 mostra, os sentidos que elas assumem são os mesmos. É nesta diferença que delimita-se aquilo que pertence ao território de um campo de atuação profissional para estabelecer as fronteiras num contexto cada vez mais híbrido como este em que se vive a EFA, como podemos identificar nas citações que resgatei para este debate:

Não é nada fácil tratar de conceitos e definições, mas poderíamos considerar que a Educação Física Adaptada é uma parte da Educação

Física, cujos objetivos são o estudo e a intervenção profissional no universo de pessoas que apresentam diferentes e peculiares condições para a prática das atividades físicas (Pedrinelli; Verenguer, 2005, p.4).

Continuo citando estas autoras e pego o parágrafo de abertura do seu artigo:

Pessoas amputadas surfando. Pessoas cegas jogando futebol. Pessoas aidéticas fazendo ginástica. Pessoas cardiopatas remando. Pessoas surdas dançando. Pessoas diabéticas pedalando. Pessoas hemiplégicas nadando. Pessoas autistas patinando. Bem-vindo ao universo da Educação Física Adaptada! (2005, p.1).

O que as autoras querem com a afirmação de “bem-vindo ao universo da Educação Física Adaptada”? Este é um tipo de narrativa que reforça a idéia de EFA. Mas o debate é deslocado para dentro da EFA naquilo que ela produz no indivíduo como um lugar em que a norma agiu sobre as pessoas para normatizá-las. O recado parece estar implícito: “olha, mesmo sendo pessoas que apresentem diferentes e peculiares condições para a prática das atividades físicas, muitas são as possibilidades desportivas”. O diferente retratado pelas autoras assume um sentido *sui generis*, uma raridade, fora da norma. Entendo que o outro caminho a ser seguido seria o de se afastar da EFA, esquecê-la um pouco e olhar para a pluralidade de estéticas corporais que a prática de esportes permite. Capturar essas pessoas não pela EFA, mas por aquilo que estão fazendo com os seus corpos. O registro escrito deste aluno é interessante para o que estamos tratando neste momento:

Antes da última aula, tinha uma visão um pouco diferente da que tenho agora. Pensava que a Educação Física para deficientes era uma coisa fora da minha realidade, que as dificuldades eram outras, etc. Mas percebi que as duas têm quase as mesmas dificuldades. A EFA tem as mesmas complicações de Educação Física, a única diferença é que ela lida com pessoas que têm algum tipo de deficiência e, por isso, tem a palavra adaptada no nome, pois é uma Educação Física igual à outra, apenas adaptada para cada tipo de problema (Aluno 5).

Em relação às palavras “outra realidade”, vou lembrar do mito da caverna, de Platão. Digamos que a EFA seja a sombra e, quando você retorna para a caverna, após ter uma experiência visível e inteligível, explica que existe um outro mundo a ser percebido, e não somente a realidade que aparece na parede da caverna. No tema que estou trazendo aqui, um mundo desloca a idéia de EFA para explicar que a outra realidade, pode assumir o sentido de a realidade a ser negada. Novamente, outro registro:

A Educação Física escolar que não trabalha com alunos portadores de necessidades especiais é vista como “normal”. Não se diz comumente que é uma Educação Física adaptada nesse caso, pois entende-se a adaptação como algo somente para deficientes. Mas a realidade é que inúmeras vezes a Educação Física é adaptada pelo professor conforme a necessidade, seja pelas condições físicas do ambiente, dos materiais de que dispõe, do tempo, do espaço, do número de alunos, de idade, da altura dos alunos, pela série com a qual se está trabalhando, etc., para maior participação, melhor execução das atividades por parte dos alunos, visando sempre alcançar os objetivos propostos e melhor aprendizagem (Aluna 3).

O sentido com que a palavra “adaptada” aparece na compreensão dessa aluna está em outra ordem de construção desse significante. “Adaptado” fica deslocado para as situações que o contexto escolar impõe ao/à professor/a, diferente da construção que se faz sobre “adaptado” como um lugar em que nem todos irão ocupar, um lugar para o messias.

Destaco, a seguir, um conceito de EFA que tem como objetivo voltar-se para a pessoa que foi capturada pela norma e produzi-la como diferença.

Atividade física adaptada é um corpo de conhecimentos cross-disciplinar dirigido à identificação e solução de problemas psicomotores ao longo do período vital. Esses problemas podem ter origem no indivíduo em si ou no ambiente. Entretanto, só se tornam visíveis à medida que as demandas de tarefa não são satisfeitas devido à limitação ou atrasos nas funções adaptativas (Mauerberg-deCastro, 2005, p.28).

Nesse conceito que a autora traz, um lugar salvacionista para aquelas pessoas que saíram da norma está aberto. A norma é muito positiva (porque produz efeitos de sentido) e eficaz nessa compreensão, pois atua na ação.

Encerro esta seção comentando que se está diante de um campo de lutas (academicamente falando) em que existem posições diferentes quando se trata de EFA. Não penso em procurar com quem está a verdade, mas sim em entender como opera para que se produza a sua verdade. No pensamento pós-moderno, não se está à procura do que é verdade, mas sim de como algo emerge como uma verdade.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Por que se questionar sobre a Educação Física adaptada neste estudo se, no campo acadêmico, ela está cada vez mais naturalizada? Essa coisa híbrida que se criou, pois, é uma junção entre a idéia de Educação Física com o lugar que se deu para Educação Física adaptada. Entendo que a Educação Física adaptada responde às necessidades territoriais e identitárias de sua época. No pensamento pós-moderno, as suas fronteiras estão mais líquidas e suas identidades estão mais voláteis.

Para encerrar este trabalho, faço as seguintes provocações:

1 – Deve-se compreender que a EFA, como disciplina, trata de identidades e diferenças e situá-la num contexto muito mais amplo é extremamente relevante. Operar com a idéia de EFA mostrando que é fundamental que não trave o pensamento com as outras áreas – entendo que foi esse deslocamento que a unidade de ensino permitiu.

2 - Fazer com que os/as acadêmicos se aproximassem desse debate foi um desafio para sua formação. Mas não existe nenhuma garantia de que as respostas dos/as alunos/as ultrapassem as obrigações que a disciplina impôs. Se isso aconteceu, as trilhas continuam transitáveis para que o messias circule na sua tarefa de salvacionismo. No campo educacional, não são poucos/as os/as que estão à espera de alguém que traga essas respostas.

3 - O que dizer do deslocamento que a EFA faz na direção do debate da inclusão? Será que estão criadas as condições de possibilidade para que a Educação Física Inclusiva possa emergir? Novos artefatos, portanto, podem aparecer. Penso que, se for seguir a lógica do pensamento racional moderno, aparecerá novamente o paradoxo performativo, fazendo com que a materialização de outro termo passe a circular e com novos messias – para alívio de muitos/as que esperam ser salvos/as e ficar seguros/as nas suas ações, mas travados/as no pensamento.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- HALL, S. Estudos culturais e seu legado teórico. I: SOVIK, Liv. (Org). **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG/UNESCO. 2003. p. 199-218.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva/Guacira Lopes Louro. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MANDARINO, C.M. Os Saberes presentes na Educação Física adaptada. In: SANTOS, E.S. (Org.). **Olho mágico: o cotidiano, a crítica e o debate em Educação Física escolar**. Canoas: Ed. Ulbra, 2001.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4Ed. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MAUERBERG-deCASTRO. **Atividade física adaptada**. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.
- PEDRINELLI, V.J.; VERENGER, R.C.G.. Educação Física adaptada: introdução ao universo das possibilidades. COSTA, R.; GORGATTI, M.G. **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. São Paulo: Manole, 2005, p.1 – 27.
- SILVA, T.T. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- RODRIGUES, D. **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**. São Paulo: Artes Médicas, 2006.